

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Ao mercado, Milei e Flávio acenaram com beligerância institucional

Ex-presidente da Câmara, Marco Maciel era um cacique da direita que, junto com José Sarney, levou metade da antiga Arena (depois PFL) a apoiar a redemocratização do país. Acabou se tornando vice-presidente do “príncipe dos sociólogos” brasileiros, Fernando Henrique Cardoso (PSDB).

Maciel costumava aparecer com algumas tiradas políticas bem-humoradas, como quando citava obviedades do Conselheiro Acácio, personagem de Eça de Queirós. A mais repetida delas era: “As consequências vêm depois.”

Se vivo estivesse, ele certamente estaria usando novamente essa fala do Conselheiro Acácio para comentar a convenção do PL, no último sábado, 25: suas consequências estão aparecendo mais fortemente agora, depois.

O mais midiático evento da convenção, que mais mobilizará a imprensa nos próximos dias, foi a participação do presidente Argentino, Javier Milei. Ao lado do candidato ao comando do Palácio do Planalto, senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), Milei trouxe ao país dancinhas e xingamentos a autoridades. Especialmente contra o presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), chamado de “lixo careca”.

O mau comportamento do presidente argentino causou uma crise diplomática e um certo mal-estar no Mercosul devido à fricção entre os dois maiores países do bloco. O histrionismo dos aliados estrangeiros de Flávio não ajuda em nada a sua campanha. Só fortalece o mote do adversário,

JOLIVALDO FREITAS

Escritor e jornalista

Três olhares sobre a condição humana

Permanência. É isso que a literatura possui como precioso privilégio. Transforma o tempo. Há livros que ultrapassam o simples ato de narrar uma história e se tornam testemunhos da alma humana, da memória coletiva e dos dilemas que moldam sociedades. Posso afirmar que no especial universo se encontram “Os Varões Assinalados”, de Tabajara Ruas, “Rio Salgado”, de José Armando Nogueira, e Bel-Ami, um dos clássicos de Guy de Maupassant. Obras marcadas em estilo, época e cenário, mas unidas pela extraordinária capacidade de envolver o leitor e provocar reflexão.

Em Os Varões Assinalados, Tabajara Ruas reafirma sua posição dentre os grandes romancistas brasileiros contemporâneos. Com uma narrativa vigorosa e de grande fôlego, o escritor gaúcho revisita personagens e acontecimentos que dialogam com a formação histórica do Rio Grande do Sul e do Brasil. Seu texto alia rigor histórico e refinamento literário numa tecitura caracterizada por conflitos, ideais, paixões e pela eterna busca do homem por identidade e liberdade. A escrita de Ruas é de muita emoção. Com certeza é o melhor livro sobre a Guerra dos Farrapos que já li. E lá estão Bento Gonçalves, Garibaldi e outros heróis ou anti-heróis, a depender do ponto de vista da história e do leitor.

RIO SALGADO

Igualmente encantadora é a prosa de José Armando Nogueira, e seu livro com suaves hi-

Lula, em defesa da soberania do Brasil contra interferências alheias ao país, seja do argentino Milei, ou do norte-americano Donald Trump.

Mas o pior eco da convenção, o mais perigoso para a campanha de Flávio, foi sua insistência em anunciar que, condenado a 27 anos de prisão pelo STF, seu pai, Jair Bolsonaro, subirá a rampa com ele, caso seja eleito.

Juntando essa afirmação com os xingamentos de Milei e, ainda, o gesto de desobediência civil que foi o vídeo com representação de seu pai em Inteligência Artificial, Flávio acenou na convenção com a manutenção do estado de beligerância institucional contra a Corte Suprema do país.

Lula não agrada à chamada Faria Lima, mas Flávio Bolsonaro tem conseguido a proeza de desagradar muito mais.

Corre solta no mercado a avaliação de que investidores estrangeiros enxergam a reeleição do petista no Brasil como um governo conhecido, com uma política econômica que consideram ruim, mas que não leva o país à ruptura.

Entre os investidores locais, há, é verdade, um certo niilismo: aqueles que acreditam que a situação fiscal já se deteriorou demais e que ninguém resolverá agora. O país estaria caminhando para uma grande crise entre 2027 e 2028 – que talvez só se resolva após 2030.

Há também os otimistas, que apostam que Lula repetirá o comportamento do primeiro mandato: promoverá algum ajuste fiscal depois da eleição, mesmo que não seja estrutural.

O cenário que o mercado mais teme é o da insegurança e das rupturas institucionais acenadas na convenção do PL, com enfrentamentos seguidos do próximo ocupante do Palácio do Planalto contra os outros poderes da República.

Esse cenário é que foi passado ao mercado por Milei e Flávio Bolsonaro como provável. Souou como um tiro no pé da campanha bolsonarista. E que promete ecoar por algum tempo.

pérboles – se pode isso acontecer - revela um escritor de rara sensibilidade. Publicitário por formação, Zé Armando evidencia domínio absoluto da palavra literária ao construir um romance de locução fluida, poética e intensamente humana. A narrativa se desenvolve como o rio em curso natural, conduzindo o leitor por paisagens, lembranças, afetos e dramas existenciais. Em cada página uma pintura; beleza não apenas pela qualidade estética da escrita, mas pela delicadeza do autor ao tratar sentimentos universais como o amor, a perda, a esperança e a memória. Rio Salgado é daqueles livros que se perpetuam vivos tempo depois da última página.

BEL-AMI

Clássico universal como poucos romances aqui se conserva atualidade. Bel-Ami, de Guy de Maupassant que li nos anos 1980 e voltei a ler agora no século XXI. Foi publicado no século XIX. Permanece espantoso pela forma como desveste os mecanismos do poder, da ambição e das relações sociais. O personagem Georges Duroy seria um crápula ou uma espécie tão comum no tempo atual? Galga a escada social utilizando inteligência, sua beleza e pegando as oportunidades. Um daguerreótipo atemporal das estratégias humanas. Maupassant escreve com precisão. Sua narrativa é atual vez e mostra que, apesar das mudanças históricas, certas paixões e fraquezas humanas continuam essencialmente as mesmas.

Livro por livro os três citados são gostosos de ler e se um oferece vigor épico (Tabajara) outro emociona pela delicadeza e pela beleza (José Armando). E Guy de Maupassant eterniza a crônica social. São geografias diferentes. São transformadores.

Editorial

Quando o inverno parece verão

O inverno sempre foi associado à estiagem, às temperaturas mais amenas e a um período de maior estabilidade climática em boa parte do Estado de São Paulo. As chuvas intensas, acompanhadas por ventos fortes e temporais capazes de derrubar árvores, interromper o fornecimento de energia e provocar grandes prejuízos, historicamente pertenciam ao verão. Mas a realidade parece caminhar em outra direção.

Os temporais que atingiram cidades do interior paulista na última semana, especialmente Ribeirão Preto e municípios vizinhos, chamam atenção não apenas pelos estragos, mas pelo momento em que ocorreram. Em pleno mês de julho, centenas de árvores vieram abaixo, bairros ficaram sem energia, casas foram destelhadas e uma pessoa perdeu a vida. Somente em Ribeirão Preto, os custos iniciais para limpeza e reconstrução já ultrapassam R\$ 21 milhões.

Mais do que um episódio isolado, o temporal reforça uma percepção cada vez mais evidente: eventos climáticos extremos têm se tornando mais frequentes e intensos. As mudanças climáticas deixaram de ser um tema restrito aos estudos científicos para fazer parte da rotina das cidades, afetando moradores, produtores rurais e exigindo respostas rápidas do poder público.

O episódio também leva a uma reflexão inevitável. Se um temporal dessa magnitude ocorre durante o inverno, o que esperar da temporada de chuvas, quando o verão chegar? A resposta passa menos pela previsão e mais pela preparação. As cidades precisam investir continuamente em drenagem, manejo da arborização, monitoramento meteorológico, sistemas de alerta e infraestrutura capaz de minimizar os impactos de eventos extremos.

Não se trata de impedir que a natureza siga seu curso, mas de reduzir os prejuízos e preservar vidas. Planejar custa menos do que reconstruir. E preparar as cidades para uma nova realidade climática deixou de ser uma escolha para se tornar uma necessidade.

A adaptação às mudanças climáticas também exige planejamento de longo prazo. Revisar planos diretores, ampliar áreas verdes, investir em drenagem urbana, modernizar redes de energia e fortalecer a atuação das Defesas Cívicas são medidas que deixam de ser apenas recomendações e passam a integrar a agenda das cidades. Esperar que os eventos extremos voltem a ser exceção pode custar caro.

O inverno ainda não terminou. E já mostrou que as estações do ano parecem cada vez menos previsíveis. Se o clima mudou, cabe ao poder público e à sociedade compreender que velhas soluções talvez já não sejam suficientes para enfrentar os desafios que estão por vir.

OPINIÃO DO LEITOR

57 anos

Há 57 anos, homens caminhavam na Lua. Em 20 de julho de 1969, americanos pisaram no solo lunar, um feito que, para muitos, ainda é inacreditável. Mas foi sem dúvida, “Um gigantesco salto para a humanidade”.

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Afonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057	BRASÍLIA ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20	SÃO PAULO Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132
---	--	--

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal